

Longe do Paraíso: poder e deslocamento entre estabelecidos e outsiders

*Margarete Almeida Nepomuceno**

Resumo: Este trabalho que aqui se apresenta tem a intenção de discutir a produção de discursos e a relação de poder entre estabelecidos e outsiders, junto à narrativa dos personagens do filme Longe do Paraíso. A proposta é analisar as questões de identidades à margem, gênero, sexualidade e raça, dentro das perspectivas teóricas do sociólogo alemão Norbert Elias. O encontro entre a ficção e a "realidade" é a tentativa de construir uma análise discursiva a partir da sociologia dos afetos, dos espaços relacionais e interiorizações, proposta pelo sociólogo alemão.

Palavras-chaves: cinema; identidade; Norbert Elias

Do outro lado do paraíso

Não existe eu sem tu, não há ele ou ela sem nós, vós, eles ou elas. Vê-se como é enganoso usar conceitos como o eu ou o ego, independentemente das outras posições da rede relacional à qual remetem todos os pronomes pessoais. (O que é Sociologia?)

O que existe do outro lado do paraíso? O inferno em chamas da tal realidade? O intrigante encontro entre o virtual e o real movimentando caminhos, produz possibilidades no imaginário simbólico que espelham tortuosamente em grande angular, ou não, a imagem coletiva dos indivíduos. Se não há o "eu sem o tu", é nos deslocamentos dos "nós" que caminham os desencontros e aproximações entre o que inclui e exclui, este velho jogo de sombras e poder.

* Aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB.
(margaretea@gmail.com)

O texto que aqui apresentamos, pensando sempre na dimensão do “muitos em si”, é um sensível encontro com o sociólogo Norbert Elias, pensador alemão que nasceu em 1897 em Breslau, na Alemanha, e morreu em 1990, em Amsterdã. Sua pluralidade de olhares sobre a dimensão humana, aliando temáticas diferentes e contraditórias, costurando-as em um longo tempo, em uma sociologia da civilização entre afetos, espaços relacionais, interações, interdependências, coletividade e interiorizações, o fez inovar as Ciências Sociais, abrindo portas, janelas, diluindo fronteiras, construindo novas direções.

Precisou que o aspiral do tempo amadurecesse suas idéias empíricas em um século de cientificidade, para que novas “luzes” pudessem ser incorporadas ao mundo vivido. De um paraíso desfeito, a sociologia de Norbert Elias parece agora despertada, mesmo que nunca adormecida, para continuar aberta ao processo de descobertas.

Assim, descobrimos a sociologia de Norbert Elias, e é nela que decidimos percorrer o fio de Ariadne nesta trajetória entre eu e o outro, entre o conhecido e o estranho, entre ficção e realidade. Nosso objetivo é realizar uma breve, mas significativa leitura do seu conceito de identidade social através de estabelecidos e outsiders, combinações de poder e interdependência neste jogo de forças e laços que se (retro)alimentam e se (re)constituem.

Este conceito teórico de Elias vai percorrendo toda sua obra, encontrando peças em cada novo pensamento apresentado, em cada personagem visitado, em cada situação observada. Como se costurasse toda sua obra em um grande mosaico da relação paradoxal e recíproca entre estabelecidos e outsiders.

Nossa intenção é afunilar este vasto pensamento, colocando foco na obra-mestra que produz discussões posteriores: o livro em questão é *The Established and the Outsiders: A Sociological Enquiry into Community Problems (Logiques de l'exclusion)*, publicado pela primeira

vez em 1965, em colaboração com Jonh L. Scotson. No Brasil o título foi traduzido como: *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, com sua primeira publicação e tradução realizada em 1994.

Este livro é resultado de uma pesquisa de três anos realizada numa comunidade próxima de Leicester, uma pequena cidade da Inglaterra, de aproximadamente 500 habitantes, no final da década de 1950 e início dos anos 1960. Para começar as aproximações ficcionais, Elias a chama de Winston Parva, permanecendo, assim, o respeito e a seguridade sobre as particularidades e individualidades dos moradores da região.

Winston Parva, uma "ficção verdadeira", é uma micro-sociologia onde Elias vai adentrar nas categorias de estabelecidos e outsiders, na definição da relação que as constitui como identidade social, ao mesmo tempo em que é negada. O exemplo empírico nos fala de como dentro desta comunidade, um povoado industrial, aparentemente homogêneo dentro dos padrões habitacionais, de nacionalidade, ascendência étnica, cor ou raça, tipo de ocupação, nível econômico e educacional, estabelecem dois territórios, onde se instituem a condição de superiores e inferiores, estes construídos pela diferença do tempo de residência no local, entre os antigos e a tradição e os novos bárbaros.

É dentro deste universo que Elias realiza seu único livro etnográfico ou o que muito consideram uma obra associada à sociologia histórica. Empiricamente, o sociólogo alemão combina várias fontes na sua pesquisa, como estatísticas oficiais, relatórios governamentais, documentos jurídicos e jornalísticos, entrevistas e sua mais apurada metodologia: a observação participante.

Sua compreensão sociológica da construção teórica lhe permitia produzir a partir de variáveis metodológicas, interagindo diversos saberes para alcançar o conjunto de pontos de vista (e de posições

sociais) que formam uma figuração social, e compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais¹.

Onde está o paraíso?

Mas, afinal, onde está o paraíso proposto pelo título deste trabalho e qual suas significações dentro da sociologia de Norbert Elias? A tal questão não pretende ser respondida de chegada, porque acreditamos que as respostas - sim, porque elas são sempre no plural -, são um processo a ser conhecido à medida que vamos buscando as dúvidas, os encontros, as permanências e as singularidades de cada questão.

O que pretendemos é analisar as teorias de exclusão de Elias através de uma leitura de uma obra de ficção. Trata-se do filme americano *Longe do Paraíso*, um drama de 2002, do diretor Todd Haynes. A narrativa fílmica nos leva ao tal paraíso, um subúrbio de Connecticut, Hartford, no interior dos Estados Unidos, no final dos anos 1950. Personagens são construídos como modelos de perfeição de quem vive sob a frágil aparência de estabelecimento social, onde a ninguém é permitido sair dos padrões com o julgo severo de ser expulso do "mundo perfeito", o estimado paraíso.

Ao mesmo tempo, forças coercivas ameaçam a seguridade desta condição de estabelecidos. É necessário, para tanto, não apenas excluir os outsiders, mas negá-los a existência. No entanto, é tênue a linha que os separa, assim, os deslocamentos de posições causam abalos profundos na solidez das identidades imaginadas.

¹ NEIBURG, Federico. A sociologia das relações de poder. In: ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 9.

As semelhanças entre a pesquisa de Norbert Elias e a narrativa fílmica de *Longe do Paraíso* são o suficiente para traçar um encontro entre realidade e ficção, revelando que as relações entre estabelecidos-outsiders têm sempre algo em comum, como acreditava o sociólogo alemão. A introdução de Elias ao livro estudado, dez anos depois da primeira edição, traz um ensaio teórico entre estabelecidos e outsiders que propicia uma aplicação a todos os tipos de relação de exclusão, de hierarquia de poder e desigualdade humana.

A nossa liberdade em associar ficção com realidade, cinema com sociologia, vem da própria ousadia de Norbert Elias, que mais uma vez rompeu barreiras, e pouco antes da sua morte, em 1990, realiza um posfácio significativo à edição alemã. Nele está uma comparação sociológica das identidades de sua pesquisa em *Winston Parva* com a literatura, através do livro da escritora americana Harper Lee, intitulado *Who Kill The Moking Bird?*, publicado em 1960. Portanto, inspirados em sua ousadia, procuraremos investigar no filme *Longe do Paraíso* os personagens estabelecidos e outsiders e suas relações sociais e morais dentro do paradigma do sonho americano. Do micro para compreender o macro, sabendo que este lugar de paraíso é uma construção coletiva, que pode ser observada dentro dos padrões ocidentais. Por que é assim que começa a história simbólica do paraíso perdido da humanidade.

Razão e sensibilidade: a sociologia de um outsider

Eu falo ao telefone e a voz, do outro lado do fio, diz-me: "O Senhor poderia falar um pouco mais alto, não consigo ouvi-lo". Começo então a gritar, e a voz repete constantemente: "Fale mais alto, não posso ouvi-lo".

(Norbert Elias por ele mesmo)

A sociologia de Norbert Elias é um espelho turvo de si mesmo, da sua trajetória pessoal, como se a gênese de seus conceitos se refletisse na sua própria identidade, na sua busca pela liberdade e pela compreensão do seu pensamento. Revela o seu tormento pela necessidade de ser "ouvido", de se fazer entender, em meio a entropias e ensurdecimentos que provocam sua intelectualidade.

É ao observar a própria trajetória do passado de Norbet Elias, que propomos apresentar este esboço do que seriam as aproximações entre seu mundo vivido e a construção teórica-empírica do arcabouço social entre estabelecidos e outsiders.

Talvez, por isso mesmo, adentrando pela subjetividade de sua individualidade possamos compreender os motivos que tenham levado Elias a, insistentemente, tirar os outsiders dos porões do esquecimento, procurando sociologicamente sentidos para tais configurações sociais, como se assim encontrasse respostas para sua própria história.

Sua trajetória pessoal e profissional o puseram sempre à margem, no lugar dos excluídos. Judeu-alemão, exilou-se de seu país durante a exterminação nazista, onde viu o esfacelamento da sua família e a morte da mãe em Auschwitz. Isto marcou definitivamente o seu pensar, preso na tensão de respostas e sentidos para as diferenças de poder marcadas pela dicotomia da inclusão e exclusão social. As conexões entre a experiência social do sociólogo alemão e sua obra acadêmica estão cheias de vínculos e interações. Em uma época em que a Sociologia estava impregnada pela razão instrumental-analítica, presa a uma única verdade, a do modelo estrutural-funcionalista, Elias chega trazendo o empírico, a subjetividade, novas abordagens, onde os conceitos estão à disposição de uma prática, como enfatiza seu prefácio da *Sociedade da Corte*, de 1969, destacado na obra de Nathalie Heinich, *A Sociologia de Norbert Elias: "as teorias sociológicas que não se*

verificam por um trabalho de sociologia empírica não servem para nada. Elas não merecem sequer o status de teorias”².

Por sua maneira direta e deslocada ao seu tempo, a Sociologia de Norbert Elias não foi compreendida nem aceita, tornando-o mais uma vez um outsider, por ter ido longe de mais do que fora permitido pensar. De acordo com a análise de Bernard Lacroix, em Retrato Sociológico do Autor, para se entender Norbert Elias não é necessário ceder a uma psicologia fácil, mas compreender como esses questionamentos sucessivos e predeterminados influíram na sua obra.

Ele foi destituído de suas identidades. Perdeu os seus. Não pode mais velar a face diante da realidade de sua condição de exilado. Tem de diminuir suas pretensões em tudo e a tudo, e carregar todos esses lutos ao mesmo tempo. Mas também trabalho de autodefesa. Será refugiado, judeu sem complexo. Órfão sem remorso (o que não é a coisa mais fácil). Exilado sem vergonha. Deslocado e desclassificado talvez, mas, por isso mesmo, não preparado para tudo, exatamente. É preciso fazer da necessidade, virtude: ele o fará. É preciso resignar-se: ele o será. Mas não à custa da perda da auto-estima, que ele encontra no fundo de si mesmo como o legado mais precioso de seu passado³.

Encontrar e prescindir o lugar de Norbert Elias na história sociológica é uma tarefa que se encontra em pleno desenvolvimento. Pela sua ânsia do pensar livre, de buscar novas metodologias, de transgredir na escolha de seus temas, tidos como “marginais” para o campo sociológico até então, como emoções, afetividades, boas maneiras, costumes, solidão, moribundos, esportes, música, relações entre sexos, excluídos, entre outros, o fez um deslocado como pensador moderno.

Uma das suas maiores ousadias na natureza de sua obra foi a de inserir transversalmente novas maneiras de abordar a pesquisa sociológica, cruzando limites impostos pelas Ciências Sociais. Ousou na pluralidade de saberes, resgatando a História, a Psicologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Ciência Política e Econômica como

² HEINICH, Nathalie. *A Sociologia de Norbert Elias*. Bauru: EDUSC, 2001. p. 157.

³ LACROIX, Bernard. Retrato Sociológico do Autor.

instrumentos indispensáveis para buscar vários olhares sob o todo construído.

Na sua obra e abordagem encontramos reafirmações do que não acreditaria mais ser possível dentro de uma sociologia congelada no século XIX. Seu esforço estava em liberar a sociologia dos obstáculos do que consideraria impasses, como a metafísica, a teleologia, a normatividade, o logicismo, o pensamento descontínuo, o causalismo, entre outros. Buscava, assim, realizar uma “revolução copernicana do pensamento e da sensibilidade”⁴.

Esta sensibilidade revolucionária que Elias buscou estava comprometida na construção de uma abordagem da experiência humana, onde a interioridade individual e exterioridade coletiva e social andassem juntas dentro de um processo histórico dinâmico. Dentro desta concepção é que sobressaem a voz dos seus outsiders, incluídos na sua sociologia e reverberando por uma condição de dignidade e respeito. Em uma nota explicativa no seu livro *Mozart, a Sociologia de um Gênio*, Norbert Elias deixa claro o que deseja das Ciências Sociais, como também revela em *Mozart a si próprio*, em um angustiante desejo de reconhecimento e liberdade. Como veremos adiante, também desejos dos personagens ficcionais do filme *Longe do Paraíso*:

A sociologia normalmente é tida como uma disciplina destrutiva e redutora. Não partilho desta visão. Para mim, a sociologia é uma ciência que deveria nos ajudar a entender melhor, e explicar, o que é incompreensível em nossa vida social. É por isso que escolho o subtítulo aparentemente paradoxal “A sociologia de um gênio”. Não é meu propósito destruir o gênio ou reduzi-lo a outra coisa qualquer, mas tornar sua situação humana mais fácil de entender, e talvez ajudar, de maneira modesta, a responder à pergunta do que deveria ter feito pra evitar que acontecesse um destino como o de Mozart. Ao apresentar sua tragédia como tanto fazer - e é apenas um exemplo de um problema mais geral -, pode ser que as pessoas se tornem mais conscientes de se comportar com maior respeito em relação aos inovadores⁵.

⁴ HEINICH, Nathalie. *A Sociologia de Norbert Elias*. Bauru: EDUSC, 2001. p. 143.

⁵ ELIAS, Norbert. *Mozart: a Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 19.

De Wiston Parva a Connecticut: encontros e deslocamentos entre estabelecidos e outsiders

Logo além do pecado se encontra um
mundo encantado

(Longe do Paraíso)

É focando o olhar no microcômico de um universo particular, uma pequena unidade social, que Norbert Elias busca estudar os aspectos de uma figuração universal, construindo então um modelo explicativo entre tantas variáveis sobre as relações de poder estabelecidos-outsidere. Wiston Parva é para Elias um paradigma empírico de investigação, na busca pelos pontos em comum das características estruturais, dos fenômenos não evidentes e os sentidos diferentes para tensões sociais que ali se evidenciavam.

Nosso encontro entre Wiston Parva, nome fictício para uma comunidade real, e Hartford, nome real para uma obra fictícia, é a tentativa de fazer uma leitura fílmica com os conceitos teórico-empíricos de Norbert Elias na sua construção de figurações entre estabelecidos e outsiders.

Para tanto, começaremos as nossas aproximações entre os dois universos aqui apresentados. Tanto Wiston Parva, na Inglaterra, como Hartford, no Estado de Connecticut, nos Estados Unidos, são duas comunidades pequenas, que têm seu relato e narrativas contadas a partir do final dos anos 1950, uma época em que os traços de identidade “aparentemente fixos” ainda eram fortemente marcados pelas posições de papéis sociais e suas representações no campo do rigor moral e da divisão de classe, raça e gênero.

Embora as duas comunidades tenham muitas interseções, ligadas à estrutura social da época, há contrastes e diferenças. O que aqui pretendemos não é fazer um paralelo entre as duas situações, mas, antes, utilizar os conceitos do simbólico e das imagens que se

constroem a partir de elementos coercitivos, de estigma e poder, que marcam coletivamente os indivíduos em situações discriminatórias e de exclusão, estabelecendo o confronto entre estabelecidos e outsiders.

Mas vamos dar um breve passeio sobre Wiston Parva, seus conflitos e tensões, e as conclusões de Norbert Elias sobre os mecanismos de controle e diferença social e seus efeitos sobre os indivíduos. Para começar, a pequena cidadezinha da Inglaterra se divide em seu interior entre um grupo de moradores antigos, os estabelecidos, e um grupo de novos habitantes, considerados pelos primeiros como outsiders e, portanto, estigmatizados e rejeitados.

A grande questão é que havia pouca diferença entre os dois grupos que pudessem definir o porquê deste processo de exclusão. Ambos eram formados por trabalhadores operários, onde a renda econômica, o grau de escolaridade, de nacionalidade, de etnia, raça eram praticamente os mesmos. No entanto, estas diferenças eram marcadas pelo nível de recepção e de auto-imagem, profundamente enraizadas no coletivo para as identidades individuais, a ponto dos excluídos sentirem uma espécie de resignação, admitindo sua condição “inferior”, de menores virtudes e respeitabilidade.

A única diferença para justificar tal hierarquia, segundo Elias, era somente pelo tempo de habitação no local, configurados entre os antigos e os novos. Para o sociólogo alemão, é no entendimento do conceito de aristocracia que iremos compreender como estas relações de desigualdade se constroem, se mantêm e se legitimam:

O sentido literal do termo ‘aristocracia’ pode servir de exemplo. Tratava-se de um nome que a classe mais alta ateniense, composta de guerreiros que eram senhores de escravos, aplicava ao tipo de relação de poder, que permitia o seu grupo assumir a posição dominante em Atenas. Mas significa, literalmente, ‘dominação dos melhores’. Até hoje o termo nobre preserva o duplo sentido de categoria social elevada e de atitude humana altamente valorizada, como na expressão ‘gesto nobre’; do mesmo modo, o ‘vilão’, derivado de um termo que era aplicado a um grupo social de condição inferior e, portanto, de baixo valor humano, ainda conserva sua

significação neste último sentido - como expressão designativa de uma pessoa de moral baixa⁶.

Wiston Parva realizava seu discurso e prática discriminatória dos “melhores” contra os “piores” através de uma exclusão da vivência e contato social, mantido por um forte instrumento de controle social: a fofoca depreciativa do grupo em maior coesão e as relações de interdependência que ali se formaram. Desenvolvia então, discursivamente, um imaginário deslocado da realidade, onde os outsiders representariam o medo, a delinquência e a desordem, mesmo que não se encontrassem registros reais a este tipo de comportamento.

Não é nossa intenção adentrar mais em Wiston Parva, mas fazê-la abertura para nossa caminhada em Hartford, do filme *Longe do Paraíso*. O nosso rumo será o enfoque de Norbert Elias às relações de poder, analisadas a partir das configurações individuais e coletivas vividas pelos personagens ficcionais da obra cinematográfica. Para Federico Neiburg, que faz a apresentação brasileira do livro *Os Estabelecidos e Outsiders*, de Elias: “a superioridade social e moral, a autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos-outsiders ilumina exemplarmente: as relações de poder”⁷.

É por estas relações que se constroem poder e diferenças, hierarquias de inclusão e exclusão, que iremos agora chegar ao paraíso, lugar de encantos e proibições, de seguranças e aparências, onde o desejo, o pecado e liberdade moram ao lado, sob tentações e jugos severos de expulsão.

Perto do paraíso

⁶ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 19.

⁷ NEIBURG, Federico. A sociologia das relações de poder de Norbert Elias. In: ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 8.

Para entrar no paraíso é necessário “ser parte” dele, de um mundo perfeito, cercado de beleza, de cores, de gestos nobres, sorrisos controlados, vozes contidas, muitos sussurros e uma sufocante aparência de delicadeza. Um quadro de pinceladas e traços construídos para se “ver o melhor”, embora emoldurados por uma força moral e de valores sociais que impedem qualquer borramento na imagem. Este “paraíso” é Hartford, uma pequena cidadezinha americana do estado de Connecticut, no final dos anos 1950, cenário para o filme *Longe do Paraíso*, que adentra neste universo da atmosfera cultural e política americana da época.

Para compor a imagem da perfeição, se apresenta um belo quadro familiar e social, feitos para aguçar os sonhos da sociedade americana. Lá se destaca a personagem Cathy, uma dona de casa impecável nos seus papéis como mãe, esposa, amiga e exemplo feminino de carisma, compreensão e bondade. Sua contraparte é o marido Frank Whitaker, um bem sucedido empresário, que também desempenha o papel destinado ao masculino, como provedor e detentor do poder familiar. Juntos a um casal de filhos, formam os “magníficos”, alusão ao nome da empresa em que Frank trabalha.

Vivem de festas e de apresentações sociais, onde Cathy Whitaker lindamente é construída através da imagem típica “de uma grande mulher por trás de um homem bem sucedido”. É constantemente fotografada e exibida como modelo para outras senhoras de finto trato. Em uma das cenas quando está sendo entrevistada para um magazine local, a “jornalista” confere: “As nossas leitoras são como você, que cuidam da família e do lar. Você é uma esposa orgulhosa, de um bem sucedido executivo, planejando festas e posando ao lado do marido nos anúncios. Para todos em Connecticut, vocês são o Sr. e a Sra. ‘Magnatech’(magníficos)”.

Nestes personagens é que encontraremos o sentido da aristocracia e da nobreza, sugerido por Norbert Elias. Os habitantes do paraíso são os estabelecidos sociais que o filme retrata. Para compreender melhor, Federico Neiburg define *establishment*, palavra de origem inglesa, para:

...designar os grupos de indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. (...) que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os establishment fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. (...) ‘minorias dos melhores’ nos mundos sociais mais diversos: os guardiões do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, das boas maneiras cortesãs, dos distintos hábitos burgueses⁸.

O desencantamento

Esta superficialidade fatigante de comportamentos belos e contidos dos personagens chega a incomodar. Por trás desta moldura da perfeição, revelam-se verdades ocultas de mundo real, sem fantasias e encantamentos. Por isso, metaforicamente, é outono a estação escolhida pelo diretor do filme para fazer esmaecer este campo de flores de plástico. Tudo começa nos contrastes das cores solares do mundo paradisíaco com as sombras noturnas da tal realidade. Em que certa noite, preocupada com a hora extra do marido no trabalho, Cathy resolve surpreendê-lo, indo ao escritório levar-lhe o jantar. Neste momento encontra Frank aos beijos e carícias com outro homem.

Seu homossexualismo é tratado pelo casal como doença e o próprio admite que tem “este problema e que precisa ser curado”. Resignada e diante do fato, Cathy mantém seu casamento enquanto seu marido procura a tal “cura”, já que na época a perspectiva médico-psiquiátrica tratava os casos com tratamento de psicoterapia e eletrochoque. Embora, alerte que uma possível conversão heterossexual não ultrapassa 30% dos pacientes.

⁸ Op. cit. p. 7.

Diante da amargura e distância afetiva do marido, Cathy busca consolo no seu jardineiro, um empregado negro, Raymond Deagan, personagem construído como homem culto, belo, sensível, educado e atencioso. Um paradoxo diante da realidade com a qual vivia com seu marido de mesmo nível social e branco. Juntos começam uma forte amizade, onde há espaço para revelar as verdadeiras individualidades, sem ensaios ou representações.

Raymond e Cathy são vistos juntos, fomentando a imaginação preconceituosa da sociedade em que conviviam, gerando desconfiança da integridade da dona-de-casa, que com ironia passa a ser tratada como alguém de muita “delicadeza com os negros”. Uma das cenas ilustra bem esta passagem, quando Cathy vai a uma exposição de arte moderna e lá encontra Raymond com sua filha, para seu espanto e a de todos os presentes. Em um diálogo pertinente, Raymond e Cathy apreciam uma obra do artista plástico Miró, tida como abstrata e fora do convencional para a burguesia local. Mas Raymond lembra a Cathy que Deus pode também estar “fora” da arte clássica, numa alusão óbvia a sua presença no local como único negro em meio à “falsa” totalidade branca.

Cathy também experimenta o estranhamento às avessas, quando um dia resolve aceitar o convite de Raymond para conhecer o “seu mundo”, já que para a sociedade da época não era mais só necessário discriminar e estigmatizar a raça negra, mas, antes, não incluí-la como possível, negando a existência, como se “não os percebendo”, nem mesmo os empregados de suas casas, poderiam viver aliviados numa sociedade limpa, pura e alvejante. Neste sentido, quando entra em um bar onde ela era a única branca do local, sente o peso da diferença e é obrigada a despertar para o mundo em que os negros também fazem parte e, da mesma maneira, rejeitam a sua presença branca neste território.

O conflito desta amizade se instaura na sociedade em que vivem, perseguições e até mesmo violência são enfrentadas. Cathy passa a viver sob críticas, incompreensão e o repúdio das amigas e até mesmo do marido, a quem tanto se esforçava em compreender sua “transgressão”. Nem mesmo sua melhor amiga, sempre disposta a ajudá-la, consegue superar o preconceito racial, em uma cena memorável, na qual se mostra compreensível com a “doença” do marido, mas não com sua paixão platônica por um negro.

Sem pretensões de render-se e expiar as culpas para obter o lugar novamente no paraíso perdido e desencantado, os personagens parecem libertar-se das amarras para seguir um caminho onde é preciso fazer escolhas e se descobrem possíveis de fazê-las. Frank, o marido, decide assumir o relacionamento com um jovem por quem se apaixonara, “o verdadeiro amor de sua vida”, como revelara para Cathy. A esposa, agora divorciada e sozinha, não encontra mais apoio nem em suas amigas, nem no seu sonho de amor possível. Raymond, o jardineiro, parte para outra cidade com a filha, depois desta ter sido agredida por colegas brancos, e ver sua casa depredada pela comunidade negra, como conseqüências de seu relacionamento com Cathy.

Em *Longe do Paraíso* vemos os encontros e desencontros das relações humanas. Entre o que se vê e o que se é, encontra-se um abismo simbólico que separa as identidades distintas nas matizes de gênero, raça, sexualidade. É a desestabilização de nossos sentidos de identidades, o medo de perceber o outro em si, de colocar a diferença nos “nós”, marcados por uma asfixia social, pela perda do controle, pela frustração do desejo e da liberdade, que estabelecidos e outsiders se vêm transitando nestes papéis, porque é muito frágil esta linha que os separa. No mundo de um paraíso em desencanto, não há mais salvação.

Representação do real simbólico

O modelo de uma figuração estabelecidos-outsiders de micro-realidade proposto por Norbert Elias pode funcionar como um paradigma empírico de relações sociais mais complexas. Procuremos, neste sentido, estabelecer algumas interseções entre as teorias de Elias sobre a exclusão e a narrativa dos personagens do filme *Longe do Paraíso*.

Para adentrar nesta tríade de diferenças e estranhamentos entre sexualidade, raça e gênero, começaremos a perceber o que se define como outsiders e sua relação com os estabelecidos de acordo com o grau de coesão entre cada grupo. Na mesma análise feita por Federico Neiburg, ele esclarece que:

...trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*. A identidade social destes últimos é a de um grupo, que possui um substantivo abstrato que os define como um coletivo: os establishment. Os outsiders, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo um grupo social.

Ora, a sociedade apresentada no filme *Longe do Paraíso* estava marcada por estas diferenças. O grupo de estabelecidos, no qual a família Whitaker era centro, vivia sob um alto grau de coesão interna e controle comunitário, vivenciado no cotidiano social, marcado por uma rotina controlada com afazeres e eventos sociais, estabelecendo entre si um estilo de vida comum e um conjunto de normas.

Norbert Elias vai mais além, quando revela que a estigmatização social, conceituada como preconceito, não deve ser discernida apenas no plano individual, mas na sua interdependência com o coletivo. Não são idéias isoladas que provocam a separatividade, mas um imaginário coletivo da auto-imagem de si, enquanto grupo, e os que estão fora dele. Para participar dos "inseridos" sociais, há um preço a pagar, conforme veremos na análise de Elias:

A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é, por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Este preço tem que ser individualmente pago por cada um de seus membros, através da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos (...) a superioridade de forças é equiparada ao mérito humano e este a uma graça especial da natureza ou dos deuses. A satisfação que cada um extrai da participação no carisma do grupo compensa o sacrifício da satisfação-pessoal decorrente da submissão às normas grupais⁹.

No filme *Longe do Paraíso* fica evidenciado este jogo de poder e coerção. Os destinos humanos são pretensamente definidos, onde as palavras controle e subjugação são as diretrizes para os caminhos dos incluídos. Coube a Frank procurar abafar, esconder e até mesmo negar a sua homossexualidade para continuar desempenhando fragilmente o papel de “homem da casa”, assegurando virilidade e reconhecimento da sua identidade de homem. A doce Cathy, com gestos contidos e dores sufocadas, aceita a indiferença e “doença” do marido, resignada ao papel de mulher a que estava submetida. Para ela ainda, a desilusão de amor impossível frente à segurança social que havia encontrado no status de ser uma “Sra. Magnatech”. Para Raymond, um outsider em potencial, pela raça e condição social, o preço pago pela ousadia de adentrar além dos limites permitidos na sociedade americana. Todos presos ao que Norbert Elias chama de controle dos afetos.

Um dos fortes instrumentos desta coesão e controle social capturado pelos olhos atentos de Elias está no dispositivo chamado fofoca, fenômeno dependente das normas e crenças coletivas. Este é o viés por onde a narrativa fílmica pressiona os personagens a se revelarem. São as senhoras da sociedade de Hartford que denunciam, estigmatizam e fantasiam sobre a realidade de Cathy e Raymond. Não são discursos históricos e abertos, mas pequenas risadinhas, olhares, sussurros, comentários irônicos, telefonemas obscuros.

⁹ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 26.

Elias pesquisou em Wiston Parva este que considera ser um fenômeno universal. Para ele, é

...comum às pessoas desconcertarem ou silenciarem (como no caso da homossexualidade de Frank) aqueles de quem discordam ou a quem estão combatendo, jogando-lhes na cara algum termo depreciativo e infamante ou algum boato vergonhoso que se refira ao seu grupo, desde que tais pessoas pertençam a um grupo que tenha sucesso em afirmar seu status superior em comparação aos dos seus adversários¹⁰.

Enquanto relação de gênero coube a Frank e a Raymond, os personagens masculinos, a escolha pela identidade que queriam assegurar. Seja através do divórcio e entrega da homossexualidade de um, seja na partida e na reconstrução familiar do outro. A Cathy, onde a presença essencialista do feminino trasbordava nos mínimos detalhes, coube a solidão e o despertar para um mundo desencantado, onde não lhe coube muitas decisões. O filme indica, mesmo que implicitamente, que o marido homossexual, mesmo que abandonasse o lar para viver um grande amor ao lado de outro homem, ainda era uma atitude "compreensível", desde que lhe coubesse a continuação de seu papel: ser provedor através da pensão familiar. A Cathy não houve possibilidades de fugir com seu negro amado e reconstruir sua vida, num ato de total transgressão. O modelo do feminino dos anos 1950, detentora da ordem e do cuidado do lar e da família prevaleceu, mesmo que em total abandono. À mulher dos meados do século XX pouco caberia em romper com as armadilhas identitárias em que se via enclausurada.

No que diz respeito à estigmatização e a desigualdade dos grupos de indivíduos pela raça, Norbert Elias enfoca o desenvolvimento estatal particular, no que se refere ao problema racial nos EUA. Para Elias, a peculiaridade estrutural da América não é apenas um problema racial, mas estatal, onde não havia nenhuma igualdade simbólica dos

¹⁰ Op. cit. p. 31.

indivíduos. “Neste sentido, a sociedade branca americana não considerava os negros como seres humanos no mesmo sentido que consideravam a si próprios”¹¹.

Sem o reconhecimento da humanidade dos negros, negando-lhes identidade e existência, “coisificava” a raça como algo que simplesmente não existia em seu meio. Uma das cenas do filme *Longe do Paraíso* que exemplifica o caso é quando em uma festa na mansão dos Whitaker, discutindo sobre a problemática racial nos EUA, um dos convidados se manifesta, alegando que “ainda bem que não temos negros por aqui”. A cena enfoca os empregados, todos negros, ao meio deles, como serviçais, enquanto a sociedade branca ignora suas presenças, dando-lhes um caráter de existência apenas funcional para seus desejos e ordens.

Quando uma branca rica e bonita começa a aproximar seus laços com um negro, jardineiro, embora culto e também belo, isto fere profundamente a auto-imagem e o orgulho que têm do coletivo, como se a presença de um estranho ao meio social em que vivem pudesse colocar em perigo o status e a manutenção do poder que tanto tentam manter. Mais uma vez, sobrepõe-se nesta situação não só a relação de raça, mas também de gênero, conforme analisa Norbert Elias:

Nos Estados escravocratas da América, os dois monopólios, da violência física e o gozo das mulheres brancas, eram ingredientes indispensáveis da auto-estima dos homens brancos. A posse de armas de fogo e a posse de mulheres brancas eram, para eles, atributos irrevogáveis de seu orgulho. Qualquer enfraquecimento desses privilégios seria experimentado pelos homens brancos de uma sociedade em que a posição de um indivíduo ou de uma família tinha grande importância, como um enfraquecimento de sua própria auto-estima¹².

O medo do espelho

¹¹ Ibidem. p. 207.

¹² Ibidem. p. 207.

Os grupos humanos vivem na maioria das vezes com medo uns dos outros, e freqüentemente sem conseguirem articular ou esclarecer as razões do seu medo.

(Os Estabelecidos e Outsiders)

Nossa intenção neste trabalho foi percorrer os labirintos que integram e separam as relações de poder e deslocamento entre as figurações sociais de estabelecidos e outsiders, de acordo com o norteamento teórico-empírico de Norbert Elias. Entre a realidade de sua pesquisa em Wiston Parva e a obra ficcional Longe do Paraíso existem semelhanças e diferenças, regularidades e divergências, mas ambas, na tentativa microscópica, pretendem desenhar traços destas relações de poder que revelam particularidades estruturais da sociedade.

Norbert Elias, em variáveis conclusivas para a questão, aponta o sentido da própria sobrevivência do grupo estabelecido como um dos indícios que fomentam esta exclusão. A tentativa de salvação em se manter o grupo como o "mais forte", para Elias, vem do medo de perder esta condição, como se estivessem sempre ameaçados de trincar esta imagem construída, alimentadas por fantasias de um imaginário deslocado em relação à realidade. Elias, na obra Os Estabelecidos e Outsiders, evidencia que "a imagem e o ideal do 'nós' de uma pessoa fazem tanto parte de sua imagem e de seu ideal do 'eu', quanto a imagem do ideal de si mesma".

É interagindo o real no universo imaginário, que Norbert Elias dá dimensão ao que chama de processo coletivo de discriminação. Esta identidade coletiva que produz coesão, valores e auto-estima passa pela construção de referências imaginárias que permitem diferenciar-se de outro grupo, tido como inferior. Desta maneira, criando imagens positivas para si, aumentam o poder do grupo estabelecido, ao mesmo

tempo, os indivíduos do grupo outsiders acabam incorporando-se a uma imagem negativa, instaurando raízes profundas na estrutura de personalidades de seus membros. “Ela faz parte de sua identidade individual e, desta forma, não é fácil desfazer-se dela”, analisa Elias.

Estabelecidos e outsiders assumem significados e sentidos variáveis na sociedade moderna ou pós-moderna, como propõem alguns teóricos. Em meados dos anos 1950, onde habitavam os personagens reais de Wiston Parva e os fictícios de Hartford, a procura pela fixação de papéis definidos era a busca desta tentativa frustrada de permanência, de congelamento de valores. Como estabelecidos estariam livres do julgo e de certas expulsões paradisíacas.

O filme *Longe do Paraíso* mostra que, apesar desta procura incessante em se estabelecer através de uma identidade coletiva positivada, estes papéis são frágeis e transitórios. A nossa personagem central, Cathy, passa de uma estabelecida a uma outsider, assim como seu marido Frank. Se tudo o que sólido se desmancha no ar, acreditamos que essas identidades aparentemente fixas vivem na contemporaneidade em processo de continuidades e descontinuidades, onde velozmente tudo se transforma.

Podemos perceber os personagens estabelecidos e outsiders caminhando pelas ruas de nosso cotidiano. Como o “eu” está sempre no plural, estabelecido e outsider se compõe nas identidades individuais, relativizando-se de acordo com a necessidade momentânea, porque tudo é ao mesmo tempo agora, ou seja, exclusão e inclusão são faces de uma mesma moeda.

No processo de continuidade, mulheres, negros, índios, homossexuais, libertários, entre tantos que compõem nossa imagem coletiva e histórica dos outsiders ainda lutam por ideais de justiça, respeito e dignidade. Norbert Elias, um sociólogo à margem do rio, foi um destes que continuaram refletindo esta ânsia pela inclusão, pela

unidade coletiva baseada na diferença. Enquanto isso, a sociedade multiforme parece desconcertada, refletindo ainda o desejo pelo paraíso perdido.

Referências

- ELIAS, Norbert. 2001. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 224p.
- _____. 1995. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 149p.
- _____. 1994. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 201p.
- _____. 1989. *O processo civilizador. Uma história de costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HEINICH, Nathalie. 2001. *A Sociologia de Norbert Elias*. Tradução de Vera Ribeiro. Bauru: EDUSC.163p.
- LACROIX, Bernard. 2001. "Retrato sociológico do autor". In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard. *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva.
- PONTES, Heloísa. 1999. "Elias, renovador das Ciências Sociais". In: WAIZBORT, Leopoldo (org). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: EDUSP, p. 17-36.

Filme

Longe do paraíso. Drama. Direção: Todd Haynes. Produção: Jody Patton e Christine Vachon. Roteiro: Todd Haynes. Música: Elmer Bernstein. Fotografia: Edward Lachman. Direção de arte: Peter Rogness. Figurino: Sandy Powell. Elenco principal: Julianne Moore(Cathy Whitaker), Dennis Quaid(Frank Whitaker), Dennis Haysbert(Raymond Deagan) Focus Features, 2002.EUA. DVD (106 min.), color., legendado.